

Investigação e Ações de Controle de Surto de Esporotricose no Município de São Paulo/SP

Autores: Bernardi, F.; Silva, E.A.; Schoendorfer, L.M.P.; Netto, H.M.; Cardoso, V.A. *et al*

Instituição: Prefeitura de São Paulo
Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo



INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A esporotricose é zoonose causada por fungo do gênero *Sporothrix*, com distribuição cosmopolita, que acomete o ser humano e várias espécies animais. A infecção é transmitida pela inoculação traumática do fungo na derme do suscetível. A doença em humanos se manifesta com lesões de pele, linfonodos e vasos linfáticos, podendo disseminar-se para outros órgãos. Em gatos a doença se manifesta com lesões de pele, sintomas respiratórios e pode evoluir para a forma sistêmica e morte. No Rio de Janeiro desde 1998 há epidemia de esporotricose em gatos, com transmissão para humanos e acometimento de 4.000 humanos e 3.800 gatos até 2012. No Estado de São Paulo, de 1993 a 2011 foram relatados 29 gatos diagnosticados no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP.

A partir de rumor sobre gatos com esporotricose, no Distrito Administrativo de Itaquera, São Paulo, em 2011, desencadeou-se investigação epidemiológica, por equipe do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ-SP), para confirmar a ocorrência dessa zoonose e estabelecer estratégias de atuação de forma a controlar a transmissão entre animais e pessoas.

OBJETIVO

Este trabalho tem a finalidade de descrever a metodologia adotada para verificar a extensão e propagação dessa zoonose e as medidas de controle utilizadas.

METODOLOGIA

A área inicial para investigação foi delimitada mapeando os endereços de casos com auxílio do programa Google Earth. Desencadeou-se investigação com busca ativa casa a casa, objetivando conhecer a população de cães e gatos e identificação de animais e pessoas com lesões sugestivas.



Figuras 1 e 2: Lesões de esporotricose em pessoas, detectadas durante investigação de casos de esporotricose felina em Itaquera, São Paulo, SP.

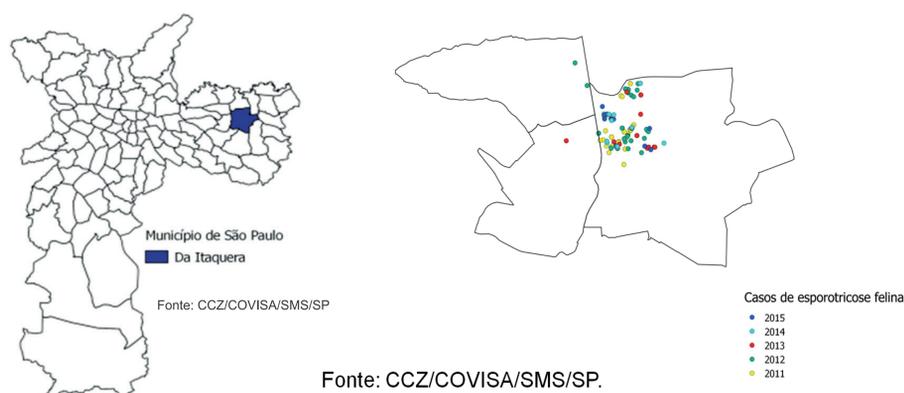


Figura 3: Representação do Município de São Paulo com destaque para o Distrito Administrativo de Itaquera. São Paulo, 2016.

Figura 4: Distribuição dos casos de esporotricose animal, Distrito Administrativo de Itaquera e distritos limítrofes, 2011-2015. São Paulo, 2016.

Nas residências onde havia animais com lesões características realizava-se visita posterior por médico veterinário, para coleta de amostra, orientação e tratamento, e pesquisar a presença de lesões em humanos para encaminhamento médico. Coletou-se exudato das lesões dos felinos com swab estéril e de amostras ambientais de areia, madeira de cercas e casca de árvore, de locais onde haviam animais infectados. O diagnóstico laboratorial foi cultivado em tubos com Agar Mycosel, à 25°C por 30 dias. O tratamento preconizado foi Itraconazol "per os", 10 mg/kg, uma vez ao dia, por no mínimo seis meses. Os proprietários foram orientados sobre a doença, a prevenção e sobre como administrar a medicação misturada à ração úmida, visando evitar risco de mordedura ou arranhadura e a domiciliar os gatos. Médicos veterinários do CCZ-SP, com a finalidade de acompanhar a evolução, realizaram visitas periódicas para monitoramento dos casos, medicação e registro fotográfico. Foram realizadas palestras informativas sobre a doença para médicos, enfermeiros e

médicos veterinários da rede de saúde pública e de serviços privados. Foi proposto fluxo de notificação de suspeita de novos casos. Para a identificação de novos casos e facilitar a domiciliação dos animais, foram realizados mutirões de esterilização cirúrgica na região trabalhada, assim como para os gatos tratados com regressão dos sintomas.

RESULTADOS

Foram investigados e trabalhados 1.463 imóveis, com ampliação da área de investigação, conforme a descoberta de novos casos. Foram detectados 149 felinos com esporotricose, sendo 62 em 2011; 37 em 2012; 15 em 2013; 20 em 2014 e 15 em 2015, entre novos casos e recidivas. Foram identificadas e encaminhadas para atendimento médico 10 pessoas em 2011 e duas em 2012, e nos anos de 2013 a 2015 não se detectou mais casos humanos.

Tabela 1: Número de casos de esporotricose identificados em humanos e felinos, bairro A. E. Carvalho, distrito administrativo de Itaquera, São Paulo, 2011 a 2015

Espécie/Ano	2011	2012	2013	2014	2015
Humano	10	2	0	0	0
Felino	62	37	15	20	15

O tratamento mostrou-se efetivo e a adesão foi monitorada por registro fotográfico.



Figuras 5 e 6: Gato com esporotricose antes e após o tratamento.

Dos animais tratados, 78 que tiveram alta no período foram esterilizados. Vinte e nove animais (19,46%) voltaram a apresentar quadro lesional. Ocorreram 38 óbitos e/ou eutanásias, sendo 10 (26,32%) pelo agravo e 28 (73,68%) por outras causas. Foram realizados sete dias de mutirões de esterilização, com 511 cães e 659 gatos esterilizados. No decorrer dos mutirões foram identificados outros cinco felinos incluídos nessa casuística. Das 10 amostras ambientais colhidas, apenas uma amostra de lascas de madeira mostrou-se positiva para *Sporothrix* spp.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protocolo adotado mostrou ser uma experiência exitosa por estabelecer vínculo de confiança entre guardiões e os profissionais do CCZ, garantindo cuidados na administração segura dos medicamentos, sem o risco da remoção de animais à revelia, que contribuiu para adesão ao tratamento e identificação de novos focos. Esta estratégia apresenta-se como uma opção viável de enfrentamento do problema, dada a aceitação, segurança do uso do triazólico, e êxito na recuperação dos animais. Essa metodologia de trabalho vem permitindo o diagnóstico precoce em felinos e humanos, e os resultados vêm demonstrando a interrupção da transmissão dessa zoonose para pessoas. A divulgação para veterinários e outros profissionais de saúde é fundamental para o diagnóstico oportuno e tem permitido a detecção de surto em outras áreas como Itaim Paulista, Cidade Ademar, Vila Maria, Tremembé, aonde a mesma estratégia vem sendo adotada.

A inclusão dessa zoonose como de notificação obrigatória, pode ser uma medida de relevância na detecção precoce de surtos, bem como elaboração de instrumento técnico padronizando as medidas de atuação no controle dessa zoonose.

O conhecimento de outros fatores da cadeia de transmissão, com estudos ambientais, a continuidade do monitoramento e vigilância são fundamentais para avaliação e adequação das medidas para o controle dessa doença.